Análise do Discurso I

Eugênio Pacelli Jerônimo Santos
Flávia Ferreira da Silva

São Cristóvão/SE
2014

Sumário

Aula 1

INÍCIO DA ANÁLISE DO DISCURSO:
UMA HISTÓRIA DE RUPTURAS

META

Apresentar a história da formação da Análise do Discurso, destacando os precursores e o desenvolvimento inicial da disciplina.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
saber as condições em que apareceu a disciplina Análise do Discurso, conhecer seus precursores, o objeto de estudo, compreender a noção dos conceitos-chave e identificar os principais teóricos da área.

PRÉ-REQUISITO

Conhecimento introdutório da história da linguística no século XX, especialmente do estruturalismo e do gerativismo

Eugênio Pacelli Jerônimo Santos
Flávia Ferreira da Silva

PRIMEIRAS PALAVRAS

A disciplina que nós vamos estudar ao longo destas dez aulas é Análise do Discurso. Como a palavra discurso é vaga, podendo assim significar muita coisa, e como diversas disciplinas se interessam pelo estudo da língua em uso, por aquilo que de forma geral pode ser chamado de discurso, precisamos delimitar bem o nosso terreno. Logo, esclarecemos que vamos estudar aqui a Análise do Discurso da corrente francesa, surgida no final dos anos sessenta do século XX.

INTRODUÇÃO

Prezado(a) Aluno(a),

Estamos começando agora a primeira das dez aulas da nossa disciplina, Análise do Discurso. Certamente, após a conclusão desta aula inicial você será capaz de compreender melhor o uso que a sociedade faz da língua, de observar que a língua não é usada apenas para dizer, mas também para esconder, que a língua não é transparente, mas opaca. Além disso, você vai compreender que nós não dizemos o que queremos, não somos donos do nosso discurso; que aquilo que dizemos é determinado por condições sociais, históricas e pela realidade ideológica, pelo lugar que nós ocupamos na estrutura social.

Nesta nossa primeira aula, vamos ver que a Análise do Discurso surgiu na França no final dos anos de 1960, com o objetivo de estudar o discurso, aproveitando e reelaborando conceitos da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise.

Vamos ainda examinar quais são os precursores da Análise do Discurso, seus principais teóricos e alguns conceitos centrais.

Outro aspecto que nós apresentaremos é a maneira radical como a Análise do Discurso rompeu com os modelos de estudo da linguagem em voga até os anos sessenta do século XX.

Vamos à nossa aula!

INÍCIO DA ANÁLISE DO DISCURSO: UMA HISTÓRIA DE RUPTURA

O QUE A ANÁLISE DO DISCURSO ESTUDA

Vamos começar discutindo qual é o objeto de estudo da Análise do Discurso (que convencionalmente é identificada pela sigla AD), ou seja, de que se ocupa essa disciplina. Como sugere o próprio nome, ela estuda o discurso.

Quando surgiu, na França, no final da década de 1960, a Análise do Discurso definiu-se como o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado. De acordo com Possenti, a Análise do Discurso "é uma teoria da leitura".

Na afirmação de Orlandi (2000),

> os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística.

Assim, a autora mostra que o sentido tem de ser considerado como uma construção do homem num dado tempo e num determinado espaço e que o sujeito não é livre para dizer o que quer. Portanto, o sentido não é um projeto do autor, e a língua é um código com relativa autonomia, mas o uso que dela se faz é ideológico e histórico.

Nos primeiros anos, a Análise do Discurso se dedicava a um corpo mais reduzido de discursos, aqueles mais estabilizados, menos variáveis, como, por exemplo, o manifesto do partido comunista. Mas atualmente a área se estende a outros discursos, como os publicitários.

CONCEITO DE DISCURSO

Uma vez que a palavra discurso é usada por outras áreas de pesquisa sobre linguagem e que, por isso, pode ter vários conceitos, dependendo da opção metodológica de cada campo de estudo, precisamos definir o significado de discurso para a Análise do Discurso.

Para conceituarmos alguma coisa, uma das formas é começar descartando o que essa coisa não é. Vamos seguir esse caminho.

O discurso, na Análise do Discurso, não é uma simples transmissão de informação ou a mensagem mais ou menos conhecida do esquema de comunicação proposto por Jakobson(1981), como aparece na figura que segue.

Figura. 1-Esquemade comunicação de Jakobson.

Para a AD, o discurso não se limita a simples transmissão de pensamento, o que ocorreria por meio de uma estrutura bastante estática, em que um Emissor (falante), usando um determinado Código (língua), passaria uma Mensagem a um Receptor, tratando de algum elemento da realidade, o Referente.

O esquema apresentado acima é problemático porque num ato de comunicação real o Receptor não permanece passivo diante do Emissor. O que ocorre é bem mais que a mera transmissão de uma Mensagem e a língua é muito mais que um Código.

Assim, a AD se coloca numa posição contrária à visão de língua como Código – conjunto de regras – e à noção de Mensagem e propõe a noção de discurso, ou seja, efeito de sentido entre os locutores, aqueles que agem no discurso. Conforme afirma Orlandi (2000),

> no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informações.

É importante observar que a língua é tanto usada para dizer, como para não dizer, ocultar, atenuar, dizer menos, tergiversar. Vejamos alguns exemplos:

(1) Esta aeronave possui assentos flutuantes.
(2) Lembre-se de validar o tíquete de estacionamento em nossos guichês.

O exemplo (1) oculta ou atenua algo como “Em caso de queda desta aeronave no mar, retire os assentos e use-os como boias”, para não despertar o eventual medo dos passageiros que estão embarcando. Já no exemplo (2), ao se colocar a palavra “validar” em lugar de “pagar”, esconde-se, considerando-se que é um aviso escrito numa placa num *shopping center*, que se quer induzir o cliente a esquecer que o sistema capitalista visa ao lucro em todas as instâncias e que o cliente vai fazer compras e ainda tem de pagar para estacionar.

Como vemos, a língua não é empregada apenas para dizer, mas também para disfarçar o que diz. Também seu uso não corresponde a simples transmissão de mensagem. Diante de (2), o cliente/motorista pode tranquilamente dirigir-se ao guichê e "validar" o tíquete e continuar rotineiramente a fazer isso, pode "validá-lo", mas ter consciência da ganância capitalista, ou pode ainda decidir não mais ir ao *shopping*, ou não ir ao *shopping* de automóvel. Logo, a língua posta em uso não é apenas um conjunto de regras (Código), mas é discurso, ou seja, efeito de sentidos entre locutores.

O conceito de discurso também não equivale ao de fala, definido por Saussure (1997) (na dicotomia língua versus fala), uma vez que o linguista conceitua fala como um ato individual, e o discurso na visão da AD é social.

Para a AD, o discurso sofre condicionamentos linguísticos e determinações históricas. A língua também não é vista "como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos" (ORLANDI: 2000). O locutor (falante) não diz o que quer, diz apenas o que é permitido dizer da posição que ele ocupa, embora não tenha consciência disso. Logo, o discurso não é um ato individual.

ORIGENS: UMA HISTÓRIA DE RUPTURAS

Nenhuma ciência ou teoria aparecem no vazio, quer dizer, ou elas aprofundam um conhecimento já existente ou contestam esse conhecimento apresentando uma nova proposta, uma nova solução.

Surgida na França, no final dos anos sessenta, a Análise do Discurso é uma grande ruptura com as disciplinas que estudavam a linguagem. Ela rompe com a Análise de Conteúdo, com a Filologia e com a Linguística feita à época.

Rompe com a Análise de Conteúdo, que surgiu nos Estados Unidos, no começo do século XX, e é de base sociológica, porque segundo essa teoria o sentido de um texto deve ser encontrado nas informações que ele apresenta e para a AD o sentido é social e histórico, não pode ser encontrado pela simples decodificação do texto. Define-se a Análise de Conteúdo "como uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação".(CHARRAUDEAU & MAINGUENEN, 2008, p. 42)

A Filologia, de natureza histórica, é uma ciência que tem por objetivo conhecer as civilizações passadas. E faz isso por meio do exame de documentos deixados por culturas antigas. Estudando textos escritos, acredita revelar como eram essas sociedades.(DUBOIS, 1998, p.278)

Conforme Possenti, a Análise do Discurso se opõe à Filologia porque

> não aceita que palavras, expressões ou estruturas sintáticas pudessem ter sido uma garantia de sentido, que a linguística histórica recuperaria.

> Nem que os autores de outros tempos pudessem ter dito tudo e só o que queriam, bastando conhecê-los e a sua época para decifrar o sentido de um texto.

A AD rompe com a linguística em voga nos anos sessenta porque não aceita que a língua seja estudada apenas em sua imanência, ou seja, que não leve em conta a realização concreta da construção de sentido pelos falantes.

Em síntese, a AD rompe com a Análise de Conteúdo, com a Filologia e com a Lingúistica da época porque essas três disciplinas não consideram a ação do homem sobre a língua, nem da sociedade sobre o indivíduo, quer dizer, desconsideram a ideologia, os conflitos de classes e a história.

Conforme afirma Possenti,

> Em suma, a AD rompe com a concepção de sentido como projeto de autor; com a de um sentido originário a ser descoberto; com a concepção de língua como expressão das ideias de um autor sobre as coisas; com a concepção de texto transparente, sem intertexto, sem sub-texto; com a noção de contexto cultural dado como se fosse uniforme.

ORIGENS: O APOIO EM TRÊS DISCIPLINAS

Como vimos, a Análise do Discurso nasce da ruptura com três disciplinas: a Análise de Conteúdo, a Filologia e a Linguística. Mas a AD não se constitui apenas da ruptura, forma-se também pela adoção e reformulação de conceitos de três áreas: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

Parece contraditório que a AD ao mesmo tempo rompa com a Linguística e constitua-se também a partir dela. O que ocorre é que a AD descarta a visão de língua autônoma, de língua como instrumento para se comunicar alguma coisa a alguém e firma a noção de não-transparência da linguagem.

Do Marxismo a AD toma emprestado o conceito de materialismo histórico. Aceita então que o homem faz história, mas esta não se apresenta como transparente. Assim, o sentido é formado pela junção da língua com a história.

A contribuição da Psicanálise se dá com a noção de sujeito, que se forma na relação com a história. Desloca-se o conceito de homem, de indivíduo independente, para o de sujeito afetado pela história.

Na busca para explicar o texto como um trabalho ideológico e por isso mesmo não consciente, a AD serviu-se da noção de sujeito elaborada por Lacan. O sujeito lacaniano é dividido, clivado, não é consciente e se estrutura a partir da linguagem.

Resumindo, para a Análise do Discurso:

- A autonomia da língua é apenas relativa, isto é, as regras internas da

língua são autônomas, mas seu uso depende de determinantes históricas e ideológicas.
- O simbólico afeta o real histórico, os fatos não significam por si sós, não têm um significado natural.
- O sujeito da linguagem é controlado pela ideologia e pelo inconsciente

Não existem palavras neutras e quando as empregamos já as recebemos em nossa época marcadas de significado, sem que tenhamos consciência de como foram construídos tais significados.

Herdeira desses três campos de conhecimento – a Linguística, o Marxismo e a Psicanalise – a Análise do Discurso, entretanto, não fez uma adesão integral dos postulados dessas disciplinas. A AD opera com a noção de discurso, que vai muito além do objeto da Linguística. Não recobre inteiramente o Marxismo nem segue integralmente o que teoriza a Psicanálise.

Como esclarece Orlandi (2000), a Análise do Discurso

> Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

Surge assim o discurso como novo objeto de estudo.

PRECURSORES

Foram os formalistas russos que trouxeram o texto para os estudos linguísticos, inaugurando o que décadas depois seria denominado discurso. É preciso ressalvar que os formalistas tinham intenções completamente diversas dos propósitos dos analistas do discurso porque nos trabalhos que realizavam não fazia nenhuma referência ao exterior do texto. Assim, os formalistas são precursores apenas na medida em que trazem o texto para o centro dos estudos.

A década de 1950 foi frutífera para a formação de um disciplina que se ocupasse do discurso. Por um lado o norte-americano Harris, com a obra *Discourse Analysis* (1952), vai além dos procedimentos de análise da Linguística vigente, que não ultrapassava os limites da frase, chegando aos enunciados ou discursos. Mas Harris, na verdade, aplica os procedimentos da Linguística distribucional americana aos enunciados, portanto, se inova porque toma como objeto de análise o texto, continua a tradição quanto ao método de análise.

Numa outra perspectiva, o francês Benveniste coloca em evidência o papel do sujeito que fala. Para ele, "o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por índices específicos". Benveniste traz para a discussão a "posição do locutor", que significa pensar

a relação entre locutor, enunciado e mundo, ou seja, a relação entre alguém, o que ele diz e o espaço e o tempo em que diz. A Análise do Discurso traria essa questão para o centro de suas discussões, refletindo sobre a posição sócio-histórica dos enunciadores.

PRINCIPAIS TEÓRICOS

Dentre os responsáveis pelo surgimento da Análise do Discurso, vamos destacar os nomes de Michel Pêcheux e Jean Dubois. O primeiro, filósofo interessado nos debates sobre o Marxismo, e nos estudos de Epistemologia e Psicanálise. O segundo, linguista e lexicólogo com interesse nas questões linguísticas de sua época. Embora os dois estudiosos tenham objetivos distintos, a ambos une a teoria marxista e as convicções políticas. Os dois comungam da teoria das luta de classes.

Quanto às formulações teóricas para a criação de uma análise do discurso, a principal diferença entre Dubois e Pêcheux é que Dubois entende o novo ramo de estudos linguísticos baseado no discurso como uma superação do estudo das palavras (lexicologia) e o atingimento de uma esfera superior, o discurso; ao passo que Pêcheux não vê condições de surgimento da nova disciplina sem uma ruptura radical com os modelos de estudar a língua então em voga, especialmente com a vertente estruturalista, de orientação saussuriana.

Pêcheux propõe um estudo do discurso num espaço em que estão presentes a ideologia e o sujeito, por isso exige uma ruptura epistemológica, ou seja, um rompimento completo com as concepções e os métodos de investigar o fenômeno da linguagem. Assim a sua pretensão não é apenas superar a Linguística saussuriana, mas se opor a essa maneira de estudar a língua.

Para lembrarmos, grande parte do pensamento de Saussure repousa na dicotomia que ele estabelece entre língua e fala. Para ele, a fala não pode ser objeto da Linguística porque é individual e por isso carrega as características individuais do falante, não podendo ser abarcada por uma ciência. Já a língua, na sua teoria, é social, abstrata e sistêmica, portanto se prestando à sistematização. De acordo com Pêcheux (1988), esse tipo de Linguística foi capaz de desenvolver bem a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe, mas não deu conta de produzir uma teoria sólida da Semântica. Na visão de Pêcheux, só uma abordagem externa ao sistema linguístico poderia lidar com o objeto da Semântica. Assim, no lugar de uma Semântica da língua ele propõe uma Semântica do discurso, a qual considera para o estabelecimento do significado não os componentes linguísticos, mas também as condições sociais e históricas de produção de um discurso.

Nos anos iniciais da AD, durante a primeira fase, Pêcheux desenvolveu o conceito de Máquina Discursiva, que será explicado na aula 2.

DUAS FONTES DA ANÁLISE DO DISCURSO: FOUCAULT E ALTHUSSER

A Análise do Discurso serve-se de dois conceitos, de Foucault e Althusser, tornando-os centrais em seu conjunto teórico. De Foucault (1969) a AD utiliza o conceito de Formação Discursiva, que está definido na aula 2.

De Althusser a AD usa o conceito de formação ideológica. Para o autor, a ideologia se liga ao inconsciente por meio da interpelação dos sujeitos (CHARRADEAU & MAINGENEAU: 2008). Na interpretação de Brandão (1997),

> Toda ideologia tem por função constituir indivíduos concretos em sujeitos. Nesse processo de constituição, a interpelação e o (re) conhecimento exercem papel importante no funcionamento de toda ideologia. É através desses mecanismos que a ideologia, funcionando nos rituais materiais da vida cotidiana, opera a transformação dos indivíduos em sujeitos.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos esta primeira aula, gostaríamos de destacar que a Análise do Discurso nos mostra que a relação com a linguagem nunca é uma relação inocente, mas, bem ao contrário, é uma relação em que se encontram o inconsciente, a história e a ideologia.

A AD, por origem é interdisciplinar, uma vez que surge com o avanço de três disciplinas: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Outras disciplinas, a exemplo da Pragmática, também nasceram em consequência da saturação e dos limites da Linguística em voga até os anos sessenta, que procurava explicar o fenômeno da linguagem no interior da própria língua, sem nenhuma referência ao aspecto externo. Mas de maneira oposta à Pragmática, a Análise do Discurso não concebe os indivíduos como donos de suas vontades, livres para dizer o que quiserem, com intenções dirigidas por plena consciência. A noção de sujeito da AD é de um sujeito constituído pela língua, pela história, pela ideologia e pelo esquecimento. Não há, nessa perspectiva, como afirma Pêcheux (1978) discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Na afirmação de Possenti, "Os interlocutores são considerados, pela pragmática, a título individual, e a AD quer mostrar que esse não é o caso".

Por fim, como aprofundaremos nas aulas seguintes, AD inaugura novas formas de ler o discurso, renegando completamente da ideia de que o texto é uma mensagem (algo transparente, claro), que um emissor (indivíduo consciente e dono do seu dizer), transmite a um receptor (indivíduo passivo no ato da comunicação), cujo sentido será descoberto com a decodificação da estrutura linguística.

RESUMO

Ao concluirmos esta primeira aula, gostaríamos de destacar que a Análise do Discurso nos mostra que a relação com a linguagem nunca é uma relação inocente, mas, bem ao contrário, é uma relação em que se encontram o inconsciente, a história e a ideologia.

A AD, por origem é interdisciplinar, uma vez que surge com o avanço de três disciplinas: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Outras disciplinas, a exemplo da Pragmática, também nasceram em consequência da saturação e dos limites da Linguística em voga até os anos sessenta, que procurava explicar o fenômeno da linguagem no interior da própria língua, sem nenhuma referência ao aspecto externo. Mas de maneira oposta à Pragmática, a Análise do Discurso não concebe os indivíduos como donos de suas vontades, livres para dizer o que quiserem, com intenções dirigidas por plena consciência. A noção de sujeito da AD é de um sujeito constituído pela língua, pela história, pela ideologia e pelo esquecimento. Não há, nessa perspectiva, como afirma Pêcheux (1978) discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Na afirmação de Possenti, “Os interlocutores são considerados, pela pragmática, a título individual, e a AD quer mostrar que esse não é o caso”.

Por fim, como aprofundaremos nas aulas seguintes, AD inaugura novas formas de ler o discurso, renegando completamente da ideia de que o texto é uma mensagem (algo transparente, claro), que um emissor (indivíduo consciente e dono do seu dizer), transmite a um receptor (indivíduo passivo no ato da comunicação), cujo sentido será descoberto com a decodificação da estrutura linguística.

ATIVIDADES

1.

Figura 2: Campo de concentração-Alemanha

Como nós sabemos, os campos de concentração criados pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial eram locais de trabalho forçado e extermínio de judeus. Porém no portão de entrada do campo de Ashwitz, conforme mostra a foto acima, estava exposta a inscrição

O trabalho liberta

Com base na afirmação de que a língua não é usada apenas para dizer, mas também para ocultar, negar, interprete o discurso acima.

2.

Figura3: Charge
(Fonte: http://www.chargeonline.com.br).

- Explique o sentido da charge acima utilizando conceitos da Análise do Discurso apresentados nesta aula.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Na resposta desta questão é necessário lembrar que, segundo a Análise do Discurso, o sentido de um discurso não pode ser encontrado apenas na língua enquanto código, mas é preciso buscá-lo também na história e na ideologia. Também é importante ressaltar que a língua não é transparente, mas opaca, e que o significado não é um projeto do autor individual.

2. A charge pode ser bem interpretada considerando-se as afirmações de que "a autonomia da língua é apenas relativa, isto é, as regras internas da língua são autônomas, mas seu uso depende de determinantes históricas e ideológicas" e de que "O sujeito da linguagem é controlado pela ideologia e pelo inconsciente".
Na interpretação é preciso observar a situação dos moradores de rua do Brasil, a violência, a cerimônia do Oscar com seu célebre tapete vermelho, o filme "*Os miseráveis*", baseado em livro homônimo de Victor Hugo.

PRÓXIMA AULA

Na aula de número 02, que veremos a seguir, vamos apresentar a noção de sujeito, que tem uma classificação bastante particular e inovadora na Análise do Discurso. Em primeiro lugar, em AD, sujeito se afasta completamente da noção de indivíduo consciente e livre para dizer o que quiser. Veremos que o sujeito é dividido pelo consciente e o inconsciente, que ele é assujeitado, isto é dependente da história e da ideologia.

AUTOAVALIAÇÃO

Após o final desta aula estou apto a definir qual o objeto da Análise do Discurso? Conheço os precursores da AD? Tenho conhecimento para interpretar discursos usando os conceitos aqui estudados: discurso, língua, sentido? Relaciono seus principais teóricos?

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7. ed. São Paulo: Editora da Unicamp.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Trad. Fabiana Komesu. **Dicionário de análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 7.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

GADET, F.; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Ed. da Unicamp, 1990.

LACAN, J. **O Seminário** – Livro 17. O avesso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Párabola Editorial, 2010.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. 4. ed. **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2004. v. 2.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. Campinas - SP: Pontes, 2000.

_________. **A leitura e os leitores.** Campinas: Pontes, 1998.

__________. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez, 2001.
__________. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2001.
__________. **Análise de discurso:** princípios e procedimentosos. Campinas, SP: Pontes, 2002.
PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso.** Textos escolhidos por Eni Puccinellli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2012.
__________. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi. et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux** – inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2013.
POSSENTI, Sirio. **Questões para analistas do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
__________. **Discurso, estilo e subjetividade.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.
SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1997.